



Mais Estrelas que o Céu

Cinema e Subjetividade
em Campina Grande nas décadas de 1940 e 1950

Universidade Federal da Paraíba
1996

Jefferson Nunes Ferreira

Mais Estrelas que o Céu

**Cinema e Subjetividade
em Campina Grande nas décadas de 1940 e 1950**

**Monografia apresentada ao Curso de
Bacharelado em História do
Departamento de História e Geografia
do Centro de Humanidades da
Universidade Federal da Paraíba, sob a
Orientação do Professor Doutor Durval
Muniz de Albuquerque Júnior.**

**Campina Grande
1996**



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

Special thanks to:

Durval Muniz; Alarcon Agra (co-orientador); Alana Agra, neta (fictícia?) de Dulce Damasceno de Britto, Amélia Ferreira (mami); Cleonice, Lia, Tónico, etc.

Para César.

Índice

Introdução	02
Capítulo I	08
Interregno	39
Capítulo II	42
Conclusão	63
Lista de Anexos	64
Fontes	65



Enquanto escrevia, o tédio veio. A narração começada permanecia, diante dos meus olhos, escurecida de correções, ávida de tinta. Porém, tê-la concebido me bastava. Por ter de terminá-la e nada esperando dela , eu estava desconcertado.

Georges Bataille
A Experiência Interior.



Introdução

I

Em plena depressão dos anos 30, o cinema exercia sobre Cecília uma atração bem diferente. Não ia ver um filme com a disposição oblíqua, irônica, de quem está acostumado a seus truques, e que pretende apenas divertir-se ou entediar-se; não ia à procura de evocações nostálgicas. Os filmes daquela época ainda não tinham recuado para mais longe de si mesmos, como se várias telas de cinema se antepusessem à projeção, no jogo, tão freqüente agora, da metalinguagem, da citação e da cópia; hoje, vemos um filme como se o cercassem diversas molduras, diversas camadas de irrealidade; superfícies e mais superfícies de ceticismo, de informação, de cultura cinematográfica como que turvaram nossa relação com os personagens, com o enredo de cada filme; este se tornou menos palpável, perdeu sua estereoscopia, a profundidade visual que ainda devia ao teatro; perdeu suas pretensões à realidade, perdeu sua característica de ser uma ilusão concreta, porque perdemos nossa capacidade de nos iludir.¹

Era como se eu já houvesse lido esta epifania de Marcelo Coelho quando pensei no tema (como era o cinema em Campina Grande na época do realismo romântico hollywoodiano e que tipos de sensibilidade e sociabilidade ele produzia) para monografia de conclusão do curso de História, pelo Centro de Humanidades da Universidade Federal da Paraíba.

¹ COELHO, Marcelo. A Rosa Púrpura do Cairo, p. 201



A seguir, pretendo contar das ligações perigosas entre a cidade de Hollywood, Califórnia e a cidade de Campina Grande, Paraíba. Uma, no Oeste norte-americano outra, no Nordeste brasileiro. Durante muito tempo seus vínculos foram bastante estreitos, porque a primeira fabricava, em abundância, uma mercadoria de que a outra necessitava para produzir sua urbanização: **cinema**.

Da linha de produção saíam tanto obras-primas quanto artigos defeituosos, filmes consumidos vorazmente por uma população que se descobria moderna. É claro que havia um forte esquema, montado por Hollywood, para que seus filmes vendessem que nem comida - era o chamado Sistema de Estúdios.

Uma das providências dos estúdios foi promover um culto internacional à personalidade de seus atores e atrizes, que passaram a ficar conhecidos como **astros e estrelas**. Investia-se pesado para fazê-los brilhar: uma corte de figurinistas, maquiadores, fotógrafos, publicistas, professores para tudo. Em compensação, eles garantiam bilheteria a qualquer filme e movimentavam uma economia de milhões de dólares. Até a vida privada dos atores era regulada, a fim de torná-los os tipos ideais de homem e mulher. No entanto, a política dos estúdios nem sempre funcionava a contento. Vez por outra explodiam escândalos envolvendo um darling do cinema, o que deu matéria para vários livros tipo "os bastidores de Hollywood" ou, "a vida secreta de ...".

O público campinense ficava encantado com aquilo que a cinematografia hollywoodiana continha de civilização: carros, edifícios, roupas, acessórios, linguagens e comportamentos. Consciente e inconscientemente, as pessoas começaram a reproduzir esses signos e a produzirem-se enquanto urbanos modernos.

As relações Hollywood/Campina foram particularmente "douradas" durante mais de duas décadas (os anos 40 e 50), pois cada uma, não sem conflitos, parecia cumprir seus objetivos: inventar a modernidade. A partir da década de 60 tudo se



complicou e deteriorou. Tomaram lugar novas formas de ver o cinema (ou simplesmente de não ver) e de falar sobre ele (ou de não falar). O projeto de uma constelação fulgurante, fazendo filmes perfeitos para uma cidade encantada, começou a perder sentido.

Mas houve uma época em que muitos se deslumbravam com o progresso da cidade e com os finais felizes dos filmes. É essa história que tem lugar neste discurso.

É bem verdade que Campina Grande conhecia o cinema desde a década de 10, mas talvez seja impossível avaliar a diferença produzida por ele durante os anos 10 e 20. Acredito que não se pode falar ainda de um "imaginário cinematográfico". Havia, é claro, todo um frenesi e comentários em torno da nova técnica - "as imagens em movimento", mas os cinemas e os filmes pareciam reforçar aquela sociabilidade pseudo-aristocrática da época, isto é: para os lordes, o Cine Apollo e filmes de Rodolfo Valentino; para a ralé, o Fox e os seriados de Tim McCoy. O Fox e o Apollo acabaram desaparecendo junto com outros monumentos da Rua Maciel Pinheiro, símbolos da cultura tradicional.

Aparece, então, o Moderno Cinema Campinense!...

II

Estas reflexões me fizeram ter contato com o tema filosófico do sujeito (origem/genealogia), além da pesquisa de variadas fontes (primárias e secundárias) da história local e da cinematografia hollywoodiana, resultando num exercício que considero satisfatório para obtenção do grau de Bacharel em História.



Digamos que eu não tenha descoberto marcas profundas da influência hollywoodiana na modernização da cidade (urbanização e transformação dos costumes). No entanto, a escavação está aberta, e é sempre possível encontrar novos vestígios que podem recompor o estrato.

O capítulo Um tenta uma maneira de operacionalizar conceitos relativamente a pistas que encontrei a respeito de um certo modo de viver o cinema (como parte da invenção da modernidade campinense). Estes conceitos não procuram instituir identidades, mas mostrar que elas são historicamente constituídas por práticas discursivas e não-discursivas, neste caso, envolvendo o cinema.

Será que houve um toque cinematográfico na modernização da cidade? Talvez não tão marcante quanto o conjunto arquitetônico (os prédios em art-déco no centro da cidade), mas ele próprio não teria inspirações no cinema? Arquiteturas físicas, arquiteturas psíquicas...

Este capítulo pode ser chamado de: pesquisa.

No capítulo Dois, trato de apagar ao máximo os conceitos e apenas imaginar determinadas situações permeadas pelos cinemas e pela cinematografia, envolvendo personagens fictícios, mas observando regras de correção histórica.

Identifico meus personagens tanto aos "habitués" entrevistados quanto a arquétipos hollywoodianos presentes em filmes da época. Daí ter escolhido determinados atores para interpretarem os papéis, caso a história fosse filmada. Um jogo de identidades.

Este capítulo também pode ser chamado de: pesquisa para um filme.

Convém dizer, por fim, que não estabeleci nenhuma cronologia pari passu. Numa brecha de 20 anos, procurei arranjar as fontes em torno de imagens e conceitos com o fim de compor o objeto.

Este enfoque corrobora uma metodologia do descontínuo que, segundo Michel Foucault, é um elemento



positivo na análise histórica: “certo uso regrado da
descontinuidade pela análise das séries temporais.”²

Uma pesquisa de método, um ensaio de estilo...

² Ver FOUCAULT, Michel. História e Descontinuidade, p. 56



*Nine out of ten movie stars
make me cry.*
Caetano Veloso



Capítulo Um:

MODUS OPERANDI

I

A emergência de uma urbanização de feições modernas na cidade de Campina Grande em fins dos anos 30 e começo da década de 40 determinou todo um novo sentido de divertimento, diferente das quermesses (embora a tradição da Igreja nunca se apague totalmente!), das operetas do Cine-Theatro Apollo, das retretas, e do trottoir pela Rua Maciel Pinheiro. Os novos tempos começavam a ser anunciados pela imprensa:

A INAUGURAÇÃO HOJE DO CASINO EL DORADO.

Terá lugar hoje, a inauguração do Casino El Dorado em elegante e confortável edifício construído especialmente para este fim, à Av. 5 de agosto, desta cidade.

Diversos artistas vindos de Recife, far-se-hão exhibir, acompanhados de uma esplendida "jazz" (...)³

³ A Voz da Borborema, 31/07/1937, Anno I, nº 5, p.6



Os novos cinemas, sem dúvida, prometiam ser um acontecimento na Cultura da Modernidade:

SERÁ CONSTRUÍDO MAIS UM CINEMA NESTA CIDADE PELA EMPRESA EXIBIDORA WANDERLEY.

Ao que sabemos, de fonte segura, já se encontra nesta cidade a comissão encarregada de efetuar os estudos da futura edificação de mais um luxuoso cinema que se localizará na rua Irineu Jofili.

A nova exibidora de filmes terá a denominação de cine "Babilônia", com uma capacidade para 2.000 pessoas precisamente.

Segundo opinião dos seus técnicos e empresários, o "Babilônia" será construído sob o mais exigente senso da arquitetura moderna.

Não padece dúvidas que Campina Grande tem população para mais um cinema que projete boas fitas e seja eficientemente confortável.

Com a consecução desse novo centro diversional, o nosso meio movimentar-se-á cada vez mais, no sentido do progresso e da grandêsa por que se distingue no "hinterland" nordestino.⁴

⁴ A Voz da Borborema, 28/06/1938, Anno II, nº 46, p. 5



1939. A Metro-Goldwyn-Mayer lança o musical *O Mágico de Oz*: começa a golden era de Hollywood. Mesmo ano, em 15 de junho, inaugura-se o grandioso Cine Babilônia! O cinema desponta, na cidade, como espetáculo diferenciado: moderno; embora o Babilônia tenha exibido um filme que se adequava mais ao antigo Cine Apollo - Primavera (Maytime, 1937)-, uma opereta com Jeanette McDonald e Nelson Eddy.

A Hollywood idílica e onipotente dos musicais, duraria até fins dos anos 50. O sistema de estúdios e seu padrão de cinema entrou em colapso. Mudavam as possibilidades econômicas, políticas e estéticas para a indústria dos sonhos. E não eram só musicais que saíam daquelas fábricas: épicos, guerra, westerns, terror, ficção científica, comédias e dramas de partir o coração, concorriam a dissipar o tédio de milhões de vidinhas espalhadas pelo mundo.

No começo da Golden Age havia, nos EUA, cerca de 15.100 salas de cinema e 14.900 agências bancárias.⁵ Os principais estúdios eram a Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), a Paramount, a Warner Brothers, a 20th. Century Fox, a RKO, a Universal, a United Artists e a Columbia. Os estúdios, que também eram os donos das salas, pediam empréstimos aos bancos e produziam uns 200 filmes por ano.

O produtor-chefe, o dono propriamente, reinava supremo sobre seus súditos. A atriz Glória Swanson, certa vez, definiu-os como *grosseirões vulgares, que não reconheciam uma história boa nem que ela os mordesse*.⁶ Eles, porém, estavam preocupados com que as histórias dessem lucro e que difundissem uma moral Deus-Pátria-Família ou, segundo Samuel Goldwyn, histórias onde os bons sentimentos fossem resguardados e os maus sentimentos, punidos.

O produtor-executivo fazia as coisas acontecerem. Como Arthur Freed, que produziu *O Mágico de Oz* e foi responsável pela linha de musicais da MGM nos vinte anos

⁵ Ver FRIEDRICH, Otto. *A Cidade das Redes*, p. 27

⁶ Cit. por FRIEDRICH, Otto. *Idem*, p. 405



seguintes. Alguns deles: Agora Seremos Felizes (Meet me in St. Louis, 1944); O Pirata (The Pirate, 1948); Um Dia em Nova York (On the Town, 1949); Sinfonia de Paris (An American in Paris, 1951); Cantando na Chuva (Singin' in the Rain, 1952 - considerado por muitos o melhor musical de todos os tempos); Meias de Seda (Silk Stockings, 1957) e Gigi (Idem, 1958). Irving Thalberg, que hoje é nome de prêmio, foi considerado um produtor-emblema, um homem que dizia sentir o pulso da América. Mesmo assim, recusou comprar o roteiro de ...E o Vento Levou (Gone With the Wind, 1939) para MGM, dizendo ao chefe, Louis B. Mayer: *esqueça Louis. Nenhum filme sobre a Guerra de Secessão jamais rendeu um níquel.*⁷ Thalbergh viveu pouco para ver seu erro que, aliás, não foi o único.

Os produtores arriscam-se a rejeitar um roteiro milionário ou a financiar fracassos de bilheteria; faz parte de seu métier.

Os interesses num filme são, por vezes, conflitantes e é esse jogo de poder que o possibilita: o dono do estúdio e suas idéias conservadoras (o Pai - pronto a castigar ou acariciar sua prole); o produtor (o Primogênito - a ambição de ocupar o lugar paterno); o diretor (o *Enfant gâté* - quer ter seus desejos satisfeitos, a inteligência que quer surpreender o pai e chamar a atenção sobre si); os atores (*Enfants terribles* - a aventura e a beleza contra o dinheiro). Esse jogo flui e se complica com a pressão de outras forças: os roteiristas, os cenógrafos, os músicos, os figurinistas, os câmeras, os maquiadores, etc., etc., etc., cada um com sua concepção de cinema e da importância de sua própria arte. Isto só para falar na "política interna" dos estúdios. Depois vem a relação destes com o público, principalmente através dos atores.

Essa época (os anos 40 e 50), em se tratando de cinema, ficou bastante conhecida por **star-system**, pelo simples fato de que, quando se ia ao cinema (entre outras coisas, para ver um filme), eram principalmente os atores - astros e estrelas - que

⁷ Cit. por FRIEDRICH, Otto. Op. cit. p. 30



chamavam a atenção. Incrivelmente, os diretores não serão muito lembrados, apesar de serem realmente magníficos. Mas, dificilmente, as moças do Imaculada Conceição, filhas dos comerciantes e latifundiários que freqüentavam o Cassino Eldorado ou seus irmãos, ou os jovens empregadinhos do comércio, iam ao cinema por causa de Billy Wilder, Vincent Minnelli ou John Ford. Eram Ava Gardner, Elisabeth Taylor, Marlon Brando ou Gregory Peck que importavam. A indústria cinematográfica de Hollywood investia poderosamente para fazer suas estrelas brilhar e para multiplicar histórias de final-feliz. E não era somente ela: a indústria cosmética, de moda, de decoração, automobilística e todo um ramo da imprensa que se especializou em "Hollywood". Isso acabou propiciando a constituição de uma sensibilidade que tem a ver com o glamour, o romantismo, o gosto pela aventura e o mistério, a fé na justiça humana ou divina, a redenção do vício e da miséria e uma sensação de que coisas fascinantes poderiam acontecer a qualquer um, numa viagem ou no próprio lar.

Bem, no final da década de 50 o sistema de estúdios estava quebrado. Seus sustentáculos econômicos, morais e estéticos foram questionados desde muito cedo. Produtores independentes, distribuidores e o próprio Departamento de Justiça americano acusaram os grandes estúdios de monopólio, de conspirar contra a livre concorrência, infringindo o Sherman Anti-Trust Act e pleiteavam a separação dos estúdios e cinemas. A briga rolou de 1940 a 1948 quando a Suprema Corte decidiu que *o sistema de Hollywood configurava realmente uma conspiração e que finalmente iria ordenar a separação.*⁸ Depois disso, foi assinado um acordo entre o Ministério da Justiça, os estúdios e a Corte, tendo início a desvinculação entre os "cinco grandes" (MGM, Paramount, RKO, Warner e Fox) e seus mais de 1400 cinemas.

Outra querela diz respeito à ética dos contratos de trabalho. Eram contratos de sete anos, firmados entre os estúdios

⁸ Ver FRIEDRICH, Otto. Op. cit. p. 347



e os atores, diretores, roteiristas ou outros profissionais que interessassem, sendo renováveis a cada seis meses por exclusiva vontade do empregador. Os atores recebiam bons salários e todo o cuidado com a imagem. Obtinham aulas de interpretação, dicção, canto, dança, viagens de divulgação e toda publicidade necessária. Em troca, eram obrigados a aceitar os papéis que lhes eram oferecidos ou a ser alugados a outros estúdios sem receber vantagem alguma na transação. Caso o ator tivesse interesse em participar de um filme produzido por outro estúdio, a decisão ficaria a cargo do estúdio a que pertencia que, algumas vezes, o proibia. Havia ainda as chamadas "cláusulas morais": o contrato de Ava Gardner com a MGM, em 1941, continha uma cláusula onde ela se comprometia a *comportar-se com a devida consideração em relação às convenções e à moral pública e a não fazer ou cometer qualquer ação que a degradasse na sociedade, ou que atraísse para ela ódio, desprezo, escárnio ou ridicularização da parte do público, que pudesse chocar, ofender ou insultar a comunidade ou ridicularizar a moral pública ou a decência, ou prejudicar a produtora ou a indústria cinematográfica em geral.*⁹ Vários empregados se revoltavam contra essa forma de "escravidão legalizada" e processavam os estúdios. Estes, por sua vez, processavam os empregados por descumprirem os contratos, e esta foi uma outra forma de decadência.

O império hollywoodiano estava sendo ameaçado por todos os lados, mas especialmente por um, que era ao mesmo tempo uma ameaça econômica, política e estética: **a televisão**. Ela apareceu pela primeira vez, para os americanos, em 1939, na Feira Mundial de Nova York, e para os campinenses, na casa do Sr. Francisco Alves Pereira, em 1960.¹⁰

As salas de cinema se esvaziavam. A nova técnica de produzir imagens era o máximo! "E como será que funcionava ?..."

⁹ Cit. por FRIEDRICH, Otto. Op. cit. p. 198

¹⁰ Segundo informação do jornalista Rômulo Azevedo.



Porque, no cinema, bastava subir até a sala de projeção e ver os rolos com os negativos de fotografias passando pela luz e emitindo imagens para tela branca. “E agora, de onde vinham as imagens?” “Será que seria possível exhibir filmes?” Pessoas se amontoavam nas salas dos vizinhos para ver a novidade. O divertimento e a sociabilidade da cidade iriam mudar novamente: foram transferidos para dentro das casas...

II

Hollywood ensinou que toda história tem um vilão e algumas pessoas disseram que nem sempre o vilão é aquele que parece ser. Esta história (da modernização chegando às cidadezinhas de interior) teria ela, senhores, aquele que seria “o inimigo”? Será que o vilão seria a própria Hollywood, acusada de produzir um cinema-divertimento, catártico, apaziguador, anti-crítico, que anesthesiava e neutralizava o homem comum, deixando-o perplexo ante o brilho ofuscante de suas estrelas? ; ou o governo americano e seu plano de dominar o mundo?; ou os prefeitos municipais e sua política progressista, de acordo com os governos federais?

Nesta história, senhores, não há inocentes nem culpados: esta não é uma investigação ideológica.

Não se trata de saber se Hollywood fazia o **verdadeiro** cinema: para alguns, aquele capaz de produzir nos espectadores um júbilo, uma vontade de retomar a vida, de beijar o marido, de enfrentar o patrão, de cantar na chuva ou, pelo menos, uma sensação de não ter perdido o dinheiro da entrada; para outros, aquele capaz de formar uma consciência crítica e que as coisas



teriam sido bem melhores se os campinenses tivessem visto mais filmes franceses, suecos ou japoneses.

Sem entrar nessa discussão, que tem defensores tanto de um lado quanto de outro, o que interessa é que a maioria dos filmes exibidos nas telas da cidade nas décadas de 40 e 50 foram produções hollywoodianas seguidas, de muito longe, das chanchadas nacionais, declaradamente, imitações do cinema de Hollywood. E esta foi uma experiência notável, singular...

III

Algumas pessoas acreditaram que seria possível trazer a modernidade para o agreste da Borborema. Se havia riquezas suficientes circulando por que não direcioná-las para urbanização, para o lazer e para o conforto?

Houve, quanto a isso, duas intervenções decisivas, do prefeito Vergniaud Wanderley, em fins da década de 30 e meados da década de 40.¹¹ Entre aplausos, choros e ranger de dentes, abriram avenidas, demoliram casebres, inauguraram cassinos, fecharam puteiros, derrubaram árvores, construíram praças. Caíam por terra símbolos da antiga ordem, como a Igreja do Rosário e os casarões da Maciel Pinheiro, e erguiam-se construções modernas, funcionais, como o Grande Hotel, monumento em art-déco no centro da cidade.

Cidade moderna não poderia prescindir da arte cinematográfica, causa e efeito da própria modernização. Sutilmente, pelos filmes, todos iriam ver melhor qual a diferença entre uma metrópole (cidade com luzes, carros que vão e vêm,

¹¹ Ver VERAS, Cassandra C. de Lima. O Espelho de Narciso.



homens de terno que lêem jornal, senhoras que se atualizam nas revistas, e máquinas para tudo) e uma cidade atrasada (aquelas do “velho-oeste” onde o feno -algodão?- rola nas ruas, cavalos e cachorros sujam as calçadas, carregadores passam seminus, homens com barba por fazer fumam cigarros de palha, mulheres secam roupas na grama e cozinham ao léu).

No cinema havia como se aprender de tudo para fazer face aos novos tempos: deixar de falar e se vestir como caipiras e ser up to date; dizer coisas de amor e beijar na boca; dar festas; beber; fumar; viajar; e outras coisas que “gente pra frente” faz. Tudo isso, é claro, de acordo com Hollywood que, aliás, no geral, tinha bom gosto.

Quem passa, hoje em dia, e vê a situação patética dos dois cinemas que restaram à cidade (o Capitólio exibindo pornôs e “rambos” para não fechar e o Babilônia filmes tipo quanto-mais-bobagem-melhor, que passam semanas em cartaz) poderia dizer que o progresso é um engodo e que Glória Swanson não sabia o que é vulgaridade.

Já nos idos de 40 e 50, poucos pensariam isso. Havia sempre cerca de seis cinemas funcionando: “os quatro grandes” - Capitólio (1934), Babilônia (1939), São José (1945) e Avenida (1945) - e outros que reexibiam os sucessos - Brasil, Império (este funcionava à Rua São Paulo, bairro da Liberdade talvez seja o mesmo Cine Liberdade), Real e Ideal (o último em 16 m.m.).

Os filmes ficavam três ou quatro dias em cartaz pois as novidades dos estúdios chegavam aos montes. As filas eram imensas e muitas vezes esperava-se uma segunda sessão porque a lotação estava esgotada. No dia 11 de abril de 54 o Jornal de Campina publicava uma nota de reclamação contra “o abuso das mocinhas e marmanjos que pedem aos conhecidos que estão na fila para que comprem seus ingressos.” Pedem providências à Polícia pois, “quem quiser pegar um bom lugar no cinema que chegue cedo.”¹² Não era exagero quando se falava em “cinema das multidões”, já que até os moleques da rua

¹² Jornal de Campina, Ano II, nº 105, p. 3



reivindicavam seus lugares na platéia, se virando como podiam. Suas peraltices deviam incomodar bastante às senhoras, senhores, mocinhas de família e rapazes galantes, pois o jornal O Momento acaba veiculando em sua coluna Isto Acontece em Campina Grande, uma queixa aos proprietários de cinema contra os meninos *“que ficam à porta com a célebre frase: **intere minha entrada e pornografias desenfreadas.**”*¹³

O costume de ir ao cinema acabou incitando a comportamentos, discursos, temáticas, relações sociais, relações sexuais, sonhos, desejos e fantasias. Emergia uma nova sensibilidade¹⁴ a partir dos filmes e a partir do perfil dos astros e estrelas, com Hollywood cuidando sempre para delimitar bem os lugares (a loura sexy, a morena esperta, a latina provocadora, a mãe protetora, o jovem rebelde, o cientista maluco, o professor tímido, o gordo bonachão, o músico pobre, o milionário ingênuo, o jornalista inescrupuloso, a irmã invejosa, o patrão arrogante, o alcoólatra-filósofo, a governanta má, a prostituta-de-bom-coração, o policial corrupto, o gângster impiedoso), não deixando que o crime compensasse, o mal vencesse o bem e coisas do gênero. No cotidiano, de maneira conflituosa e mais ou menos consciente, as pessoas iam assumindo essas identidades, iam sendo produzidas como urbanos modernos pelo cinema, mas não só por ele.

Obviamente a subjetividade (esses lugares que as pessoas vêm ocupar) não é produção apenas do cinema, mas de agenciamentos coletivos de enunciação - a família, a escola, o trabalho, a religião, a literatura, a medicina, a jurisprudência, a cultura de massas como um todo.

Algumas pessoas levaram o mundo cinematográfico realmente a sério: tornaram-se **fãs...**

¹³ O Momento, 29/10/1950, Ano I, nº 6, p. 4

¹⁴ E não é necessário ter ido ao cinema para ser parte dessa sensibilidade fílmica já que a moda, a publicidade, a imprensa, a música, a literatura estão repletas de signos cinematográficos ao mesmo tempo em que remetem seus discursos ao cinema, num jogo intersemiótico.



IV

Com a preocupação moral característica das resenhas de cinema da época, um crítico exortava seus leitores a não se deixar levar pelo que um filme contivesse de morte, decadência, frivolidade, perdição. Vox clamantis in deserto:

(...) Esse aspecto, que nós chamamos de negatividade do cinema, que condenamos as mais das vezes a “priori”, devem merecer uma atenção dos homens que têm procurado estudar a influência do cinema, especialmente sobre as crianças, cuja mentalidade já se encontra formada à base daquilo que constituirá, futuramente, o “**homo-filme**”, o homem com a mentalidade do cinema, com o gosto do cinema, agindo como se estivesse interpretando o papel que interpreta Alan Ladd ou James Cagney.¹⁵

O homo-filme, que o crítico temia como uma espécie perigosa, não é, tal qual a própria crítica, um invariante histórico. Nos anos 40 e 50 ele é o fã: aquele a quem importa, sobretudo,

¹⁵ LEAL, Wills. “Ilha do Inferno”. In: Diário da Borborema, 20/10/1957, Ano I, nº 17, p. 7. Grifo meu.



os astros e as estrelas, tanto seus personagens quanto sua vida privada.

Tinha lugar uma relação passional que as “consciências críticas” não podiam suportar: os fãs perseguiram seus ídolos nos filmes e fora deles. Tudo era sentimental e mágico - os filmes eram realistas e a realidade parecia filme, com todos aqueles carros e mansões em Beverly Hills...

Milhões de fiéis ao redor do mundo garantiam as extravagâncias dos artistas. No entanto, era aconselhável não abusar, pois a indústria cinematográfica poderia reduzir qualquer ator ao nada, o mesmo lugar de onde havia tirado muitos deles. Alguns não ligavam, porque tinham cacife e eram realmente bons no jogo. Como Marilyn Monroe, que invariavelmente chegava atrasada para as filmagens mas, segundo o diretor Billy Wilder, isso não era realmente um problema, já que ele tinha uma tia que era sempre pontual e, no entanto, ninguém iria pagar um tostão para vê-la, enquanto que Marilyn era um sucesso de bilheteria.

Como não podia deixar de ser, em Campina Grande o star-system funcionava a todo vapor:

*Todo mundo tinha ídolos. Compravam retratos de artistas, viviam com aqueles álbuns. Era uma coisa muito envolvente. (...) Nas bancas eles vendiam muito, retratos de astros e estrelas. Eu mesma tive um álbum de fotos de grandes artistas de Hollywood: Frank Sinatra, Ester Williams...*¹⁶

¹⁶ Depoimento de Eneida Agra Maracajá (03/03/1994)



(...) Tem a Bette Davis. Era uma artista feia, mas muito elegante, de um talento incrível. Então todos

os filmes de Bette Davis, não precisava nem saber como era o nome nem o que mais. Se ela participava daquele filme, o filme era bom.¹⁷

Geralmente o habitué daquela época, hoje não, ele sempre tinha o ídolo como um espelho. Quem não gostaria de ser um Gary Cooper, um Errol Flynn (que foi outro ator fabuloso) Clark Gable, George Raft ? Eram os atores daquela época que dominavam.¹⁸

(...) Não se falava no produtor nem no diretor do filme. Se falava era em Greta Garbo, que vai ser hoje um filme dela. Não era o diretor que aparecia. Aparecia, mas era já numa situação secundária. Coisa que não acontece hoje. Hoje não se

¹⁷ Depoimento de Graziela Emerenciano (02/03/1994)

¹⁸ Depoimento de Luís da Costa Barroso (06/04/1994)



*conhece o ator, se conhece é o diretor do filme.*¹⁹

Existe, contemporaneamente, a figura do **cinéfilo**. Não se trata da evolução do fã, mas da produção de um outro lugar, por conexões diferenciadas das práticas e dos discursos que envolvem a cinematografia.

O cinéfilo procura estabelecer uma relação intelectualizada com o filme, coisa que muitos também deploram. Ligam-se a filmes difíceis, de tempo lento (os do Leste Europeu, por exemplo), gostam de filmes não-narrativos e fogem de atores considerados populares. O cinéfilo assiste a um filme, mesmo sem querer, apenas porque este é considerado "importante". Curiosamente, adoram os filmes da golden age de Hollywood, basta apenas justificá-los como "clássicos". O melhor filme de todos os tempos para grande parte dos cinéfilos é Cidadão Kane (Citizen Kane): produção hollywoodiana (RKO) de 1941, mas que foge completamente aos padrões narrativos e estéticos de Hollywood.

Acontece de fã e cinéfilo encontrarem-se num mesmo cinema ou até, num mesmo indivíduo.

¹⁹ Idem, idem.



V

No firmamento, observa-se os astros e estrelas emitindo ondas morais, políticas ou estéticas e sempre um batalhão de fãs boquiabertos a admirá-las. A constelação brilha mais!...

Hollywood movimentou um mercado de milhões de dólares vendendo, além dos próprios filmes, quase tudo. Principalmente a indústria do glamour - objetos de decoração, maquiagem, perfumaria, jóias e vestiário.

DECORAÇÃO DA CASA



Móveis, Tapetes e Cortinas
Orçamentos e sugestões GRÁTIS



- A maior e melhor organização do Brasil -
Matriz - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO
Anexo - 82 - Rua 7 de Setembro - 82 - Junto a Avenida

SONJA HENIE adora a phantasia, tal como multiplica a sua dança de patins em arabescos luxuosos.

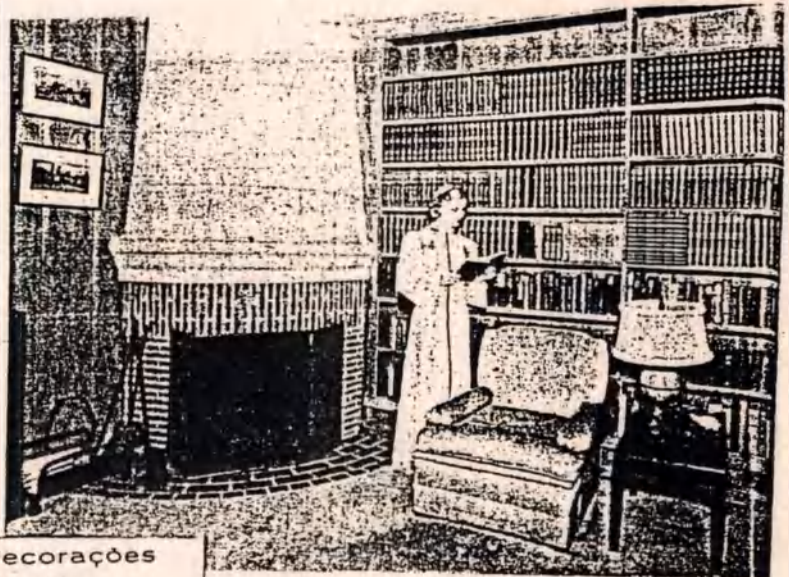
O quarto de dormir da loira "star" é, pelo que se aprecia, um concerto harmonioso e original de espelhos, ouro, setim azul e imensos leques com varetas de madreperola.

222

DECORAÇÃO DA CASA

Loira e alva, ANITA LOUISE delicia o espirito nesta bibliotheca esplendidamente agasalhada na sua casa de Beverly Hills.

(Foto Warner Bros.)



Mobiliários - Tapeçarias - Decorações
Sortimentos e preços incomparáveis



- A maior e melhor organização do Brasil -
Matriz - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO
Anexo - 82 - Rua 7 de Setembro - 82 - Junto a Avenida

DECORAÇÃO DA CASA



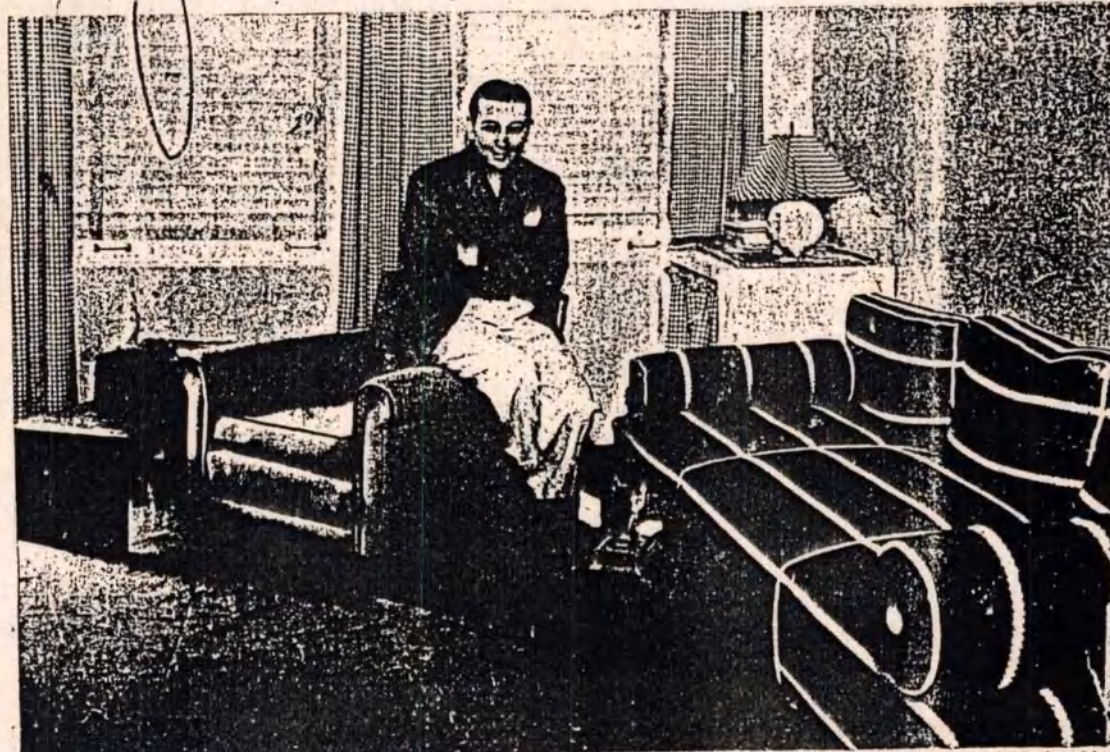
Schintz - Cretones e linhos ingleses
Desenhos novos e exclusivos



- A maior e melhor organização do Brasil -
Matriz - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO
Anexo - 82 - Rua 7 de Setembro - 82 - Junto a Avenida

toluca Lake é o recanto de Hollywood onde Bob Hope construiu a sua casa. Vemol-o aqui no "living room" da confortavel residencia, ambiente de paredes brancas, poltronas estofadas de branco e vinho, e a da esquerda, junto ao piano de madeira branca, é de madeira negra, fôrro de "drap" branco

DECORAÇÃO DA CASA



Tapetes de lndieum CALMAR e
SERVICE - BOND - a preços populares



- A maior e melhor organização do Brasil -
Matriz - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO
Anexo - 82 - Rua 7 de Setembro - 82 - Junto a Avenida

Conforto e sobriedade presidem o arranjo da casa de George Raft, em Beverly Hills.

Aqui está o "living room", onde se vêem moveis escuros, um sofá estofado de linho e seda preta com bordados brancos, de cordão, poltrona verde, cortina branca, quadriculada de preto

ELLEN DREW, Paramount's Glamorous New Star

Hollywood
apresenta a nova
sensação...

Pan-Cake Make-Up

NOVO! Extraordinario! Pan-Cake
Make-Up é uma descoberta revolucionaria
de Max Factor ★ Hollywood.

Elle dá á mulher que o usa a impressão
de ter adquirido uma nova pelle... que parecerá
joven, saudavel, suave e avelludada. Qualquer
pequena imperfeição será disfarçada pelo seu
delicado acabamento de camafeu, que durará
por muitas horas sem retoque. Creado origi-
nalmente para os films Technicolor, Pan-Cake
está agora ao seu alcance.

*Experimente-o uma
vez... e verá que elle
é o verdadeiro se-
gredo da belleza.*



Max Factor



HOLLYWOOD



A' VENDA NAS CASAS DO RAMO

A
ELEGANCIA
INTEGRA
A
BONITEZA
DAS
ARTISTAS



BRENDA JOYCE — da Century-Fox — stig- gere, para uma "soirée" estival, este traje de organza estampada...



Que dizem do "turban" de KAY FRANCIS, admiravel moirna que a Universal contractou.



... e este pyjama para "trotter" pela manhã. A marcha, diz miss Joyce, é o melhor dos esportes.



DEANNA DURBIN — "lovely star" da Universal — aprecia "yachting", e dá-nos aqui um modelo de roupa adequada ao esporte de luxo...



Miss Durbin diz maravilhas do "taffetas" num traje de festa. E, como vêem, tem carradas de razão.

O TYPO DELLAS...



Rosalind Russell

Loretta Young

Desperta o instinto protector e a galanteria.

Brunette — com olhos azues-esverdeados.

Altura: 5 pés, 3 pollegadas.

Peso: 107 libras.

VESTIDOS

Suas especialidades são os "vestidos de estylo" e os chapéus. São vestidos admiravelmente simples e bellos, flexíveis, esvoaçantes, vaporosos. Vestidos ethereos para uma

creatura etherea. Seus chapéus são exóticos e seductores como um folheto de viagem. Feminilidade é o segredo de seus trajes—"sport". As pelles parece que foram feitas para ella. Pelles deslumbrantes, luxuosas, carissimas. Veste "slacks" ou "shorts" para a praia e os sports, mas tudo com uma suprema elegancia de linhas. Jogando tennis ou dansando, seus trajes em movimento são graciosos como nuvens batidas pelo vento.

PERFUMES

Um perfume que seja contradictorio com estados de alma: luar e magnolias, musica e luz, calor e gelo. Se a leitora é essencialmente feminina, "Moment Suprême" de Patou ou "Orchidée Bleue" de Cor-day, são os perfumes ideaes.

TECHNICA

As pequenas cousas é que valem. O perfeito esmalte para unhas, a pintura essencial e os penteados que mudam a personalidade.

Rosalind Russell

Os homens comparam-na as figuras de Goya.

Morena.

Altura: 5 pés e 5 pollegadas.

Peso: 120 libras.

VESTIDOS

Ella pôde adoptar exaggeros que suffocariam uma persona-

lidade mais fraca. Usa vestidos ousados da manhã á noite, com as côres mais extravagantes. Sua propria vivacidade é mais brilhante do que o vermelho das chammas. Para a rua, ella compõe silhuetas espectaculares e como variedade, adopta efeitos sportivos. O negro, o amarello, o coral, o escarlante e as tonalidades claras, accentuam o seu brilho proprio. Roz prefere chapéus estylo aventureiro, mas quasi sem enfeites, salvo uma ou duas fivelinhas. Quanto mais absurdo o chapéo, melhor! (não dissemos que ella sabe adoptar exaggeros?) Roz é viva e dominadora como as côres que prefere.

PERFUMES

Gosta de perfumes fortes, orientaes. E é o typo ideal para usal-os. Sómente uma creatura morena e viva como Rosalind pôde triumphar com elles. Você, morena, pôde tentar "Kobako" de Bourjois ou "Fleur de Perse", de Grade...

TECHNICA

Tudo o que é fóra de comum. Originalidade, exotismo, cousa rara. Especialmente em chapéus ou turbantes. Para a noite, descobre "glamour" novo em vestidos de inspiração camponeza.

Ann Sheridan

Os homens vêem uma chamma de seducção.

Cabellos de fogo.

...E VOCÊ

Altura: 5 pés e 5 pollegadas.
Peso: 120 libras.

VESTIDOS

Escolhe todos os verdes da floresta e mais o "chartreuse" de arco-iris. O outomno é a sua estação. Adopta "toilettes" em severo estylo "tailleur" para a rua, combinando a severidade dos mesmos com o brilhante colorido de sua cutis e de seus cabellos. Para a tarde, esquece a subtileza e veste trajes negros e espectaculares, que só conseguem realçar mais a sua figura. Para a noite, seus vestidos audaciosos, mais simples em materia de enfeites. Basta o vermelho de seus cabellos. Em materia de chapéos, nada como os turbantes.

PERFUMES

Perfumes fortes e embriagadores, pois Ann tem fogo nos cabellos. Ella combina o perfume com a propria vivacidade. Você também se fôr do mesmo typo, com "Emeraude" de Coty ou "Ten Fold Carnation" de Hudnut...

TECHNICA

Espalha pó dourado sobre o penteado e adiciona o dourado á pintura das olheiras. Pintura brilhante, com nuanças mais escuras do que o natural.

Olivia de Havilland

Os homens lembram-se logo

de seu cavalheirismo.

Brunette — com olhos castanhos.

Altura: 5 pés, 4 pollegadas.
Peso: 107 libras.

VESTIDOS

Sua "toilette" favorita foi durante muito tempo um costume "sport", tão "chic" quanto as suas preferencias actuaes: vestidos de rua e chapéos complicados. Adora pelles com preferencia "manchons". Gosta do azul, mas usa de preferencia o branco, "pastel" e cinza. Para o uso cõmmum, costuma prender os cabellos compridos com uma "echarpe" collarida. Para a noite, adorava vestir "toilettes" antigas, de saia armada, até o dia em que descobriu a fascinação dos vestidos "sophisticated", com altos turbantes orientaes. Basta olhar uma vez só para Olivia, e os homens pensam logo em joias de familia e em apresental-a á mamãe.

PERFUMES

Gosta de enganar com o perfume, para intrigar as imaginações. Diz com os perfumes, o que os olhos escondem. "Shocking" de Schiaparelli ou "A Bientot" de Lenthéric, dizem muito.

TECHNICA

Tem um fraco pelas mudanças de penteado — solto para "sports", madeixas até os ombos com as "écharpes", bem arumados no alto para a noite.



Este vestido que Olivia de Havilland apresenta em "... e o vento levou" deve inspirar os novos trajes para de noite



Loretta Young

Madeleine Carroll

A idéa que os homens fazem de um anjo.

Loura platinada.



GREER GARSON — uma loira admiravel — fa parte da constellação da Metro Goldwyn Mayer. Escolhe joias exóticas, e assim prende o punho da manga "chemisier" de um vestido de noite, com um laço de brilhantes e rubis, e usa collar igual.

CADA "ESTRELLA" DO

MADELEINE CARROLL — outra "star" da Paramount — é a "lady" da elegancia e da formosura. Deslumbra quando se apresenta em grande "toilette".



VIRGINIA DALE — da Paramount — gosta de photographar-se envolta em plumas.

CINEMA É UMA BELLEZA DIFFERENTE



GLORIA MASSAY — tambem da Metro — adora brincos compridos e cabellos soltos.

SEMPRE PROVOCANTE!



Rita Hayworth,
a famosa estrêla da Colúmbia
que aparece no filme
"A Mulher de Satã",
apresenta-se sempre linda
e provocante porque usa
tecidos que lhe ficam bem...
modelando as suas linhas!

Para a nova estação, escolha uma casimira que realce a sua beleza pessoal, preferindo

CASIMIRAS KEDLEY

modelam as linhas!

Um produto do Lanificio Fileppo S. A.

Casimiras Kedley lhe oferecem com exclusividade esta criação de Jean Darroux, de Paris:



KEDLEY

- faz a elegante!



A pedagogia de Hollywood encerra uma complexa relação de poder-saber-prazer da qual participam a indústria cinematográfica (os estúdios e seus chefões); os atores e sua escalada pessoal a fim de serem reconhecidos como astros e estrelas (o que implica tanto a afirmação de um estilo único quanto a submissão aos cânones dos estúdios); os espectadores, sonhando - quem sabe ? - em ter seus talentos descobertos ou apenas querendo afastar a monotonia e dotar suas vidas de um pouco mais de encanto, como nos filmes; a imprensa e a publicidade que, quando se aliam à Hollywood, tornam-se uma força quase imbatível na divulgação de uma idéia; a indústria cosmética; de objetos; da moda e, para ir mais além, o próprio governo dos Estados Unidos e seu projeto de difusão, para o mundo, do american way of life.

Esse jogo não se reduz a uma mera conspiração dos mais ricos objetivando dominar as pobres mentes do público. Vai mais fundo: são forças que se chocam e produzem o real; são partes da criação da modernidade e da subjetividade, tal qual as sentimos hoje.

Existem, portanto, no campo relacional das forças, inúmeras possibilidades de transgressão, de resistência, de reflexão sobre si e de inversão dos papéis sociais. Isso, é claro, pode acontecer no mundo do cinema.

No entanto, nos anos 40 e 50, Hollywood apertava o cerco e parece haver uma predominância da disciplina, um adestramento dos corpos e dos gostos, uma normatização dos prazeres. Havia regras "cinematográficas" incontestes, porque pareciam naturais, e que eram dirigidas, sobretudo, às mulheres. Como, por exemplo: ninguém é feliz sem casar, portanto, **agarre seu homem !**

AS "ESTRÉLAS" NÃO SE ENGANAM...



VOLTOU MEU PRÍNCIPE ENCANTADO!

Muitas vezes eu o vi chegar e partir, de nossa cidade natal. Naquele dia, porém, ele dirigiu-se a mim. Seu olhar denotava grande alegria por me encontrar. "Gostaria de vê-la outra vez, durante estas férias", disse então.



...e saímos juntos muitas vezes, depois daquele dia. Carlos procurava-me, agora, constantemente. Durante os passeios, era comum ouvi-lo dizer: "Estou encantado. Você está cada vez mais linda."



Meu sonho ia aos poucos se realizando. Um dia Carlos me disse: "Você está bonita como uma estrela de cinema!" Fiquei radiante e ao mesmo tempo compreendi tudo: o conselho de Elizabeth Taylor dera resultado!



O aspecto de minha pele, o perfume que me rodeava, tudo encantava Carlos. Nunca pensei que uma estrela de cinema, pudessem me ajudar tanto a ser feliz. Naquela noite, Carlos me pediu em casamento.

UO USO SABONETE LEVER"
diz

ELIZABETH
TAYLOR

graciosa estrela
a Metro Goldwyn-Mayer.
ga o exemplo das estré-
s: dá nova e invejável
beleza à sua pele, usando
rariamente o perfumadís-
mo Sabonete Lever.



Agora estou rodeada de carinho. Feliz, como sempre sonhara ser. Mas, confesso, devo toda essa felicidade à linda Elizabeth Taylor, que me ensinou o seu segredo de beleza. Por isso, sou "fan" de Lever - o Sabonete das Estrelas.

Lever é tão puro!
Você nota isso em sua imaculada alvu-
ra, que nenhum outro sabonete apresenta.
Lever é econômico!
Produz espuma com rapidez, por isso
gasta menos - dura mais. Experimente o
Banho - ideal para toda a
família, e... muito mais em conta!





PIER ANGELI FEZ A MÁGICA...

UM COLEGA TRANSFORMADO EM MARIDO

Hoje, sou casada e feliz, mas nem tudo foram rosas... Vou contar a vocês a minha história:



Eu e Geraldo trabalhávamos no mesmo escritório, mas ele parecia não entender os meus olhares, mostrava-se sempre indiferente... Mas um dia tudo mudou: aquelas flores sobre a minha mesa, diziam tudo...



Na mesma tarde Geraldo me convidou para tomar lanche. Ele não cabia em si de contente: "Como gosto de você! Seu rosto está tão lindo... sua pele tão bonita e macia... você parece um anjo..."



Quando fomos ao cinema, Geraldo ficava intrigado porque eu insistia sempre em ver filmes de Pier Angeli. Um dia eu contei: Não sabe que é graças a ela que eu tenho você? Foi ela quem me ensinou que Sabonete Lever dá à pele uma nova beleza. Não foi isso que encantou você?

"EU USO SABONETE LEVER"

diz a graciosa

PIER ANGELI

da Metro Goldwyn Mayer.

Lever é puríssimo! Você nota isso em sua exclusiva brancura. E mais ainda: Lever é econômico, porque produz espuma com rapidez. Gasta menos - dura mais!

Usado por
9 entre 10
estrelas de
Hollywood



Meu sonho se realizou. Geraldo se decidiu e nos casamos. Eu estava contentíssima, e decidi também que em nossa casa só usaríamos o perfumadíssimo Sabonete Lever.



BARBARA STANWYCK ENSINOU O SEGREDO...

10 ANOS DE CASADOS E EM PLENA LUA DE MEL!



Como de costume, Gilberto não esqueceu do aniversário do nosso casamento. Além do presente e das flores, veio também um convite: "Querida, que tal irmos ao cinema?"



Durante o jantar eu sentia que Gilberto estava radiante de felicidade. Com que ternura levantou o copo desejando: "Mais cem anos assim juntinhos e felizes!"



Na ida para o cinema fomos olhando as vitrinas. Olhe, Gilberto, disse eu, que amor de broche. Ali, do lado direito. Não posso me esquecer com que carinho ele respondeu: "É seu querida. Seu aniversário é no mês que vem. Você merece muito mais..."



No cinema, juntinha a ele, eu era a mulher mais feliz do mundo! O filme era com Barbara Stanwyck, e quando eu a vi, meu coração bateu forte. Sim, fora ela quem me aconselhara Sabonete Lever. Graças a esse conselho, minha pele está sempre suave e juvenil. Isso encanta Gilberto.

BARBARA STANWYCK

consagrada estrela de Hollywood, diz:

"Eu uso sempre o maravilhoso Sabonete Lever"

É evidente que Barbara Stanwyck só escolhe o melhor para o cuidado da sua pele. Faça como ela. Use sempre Sabonete Lever.



Boa noite! Aqui é a nossa casa - a casa de um casal feliz. Antes de fechar a porta, um conselho para você, minha amiga: Comece também a usar Lever. Todos notarão logo um novo encanto em você. E você... Ah! Você será muito feliz!

Lever é tão puro! Sua brancura, que nenhum outro sabonete apresenta, demonstra esta verdade. E outra coisa: Lever produz uma abundante rapidamente. Gasta menos - é econômico!

ADO POR 9 ENTRE 10 ESTRELAS DE HOLLYWOOD



O tempo passava: prefeitos governaram, a cidade cresceu, os costumes modificaram. Entretanto, para alguns, jovens principalmente, só no cinema as coisas aconteciam. Mesmo o impacto de uma guerra mundial tornava-se algo distante e irreal quando os mesmos jornais e revistas noticiavam curiosidades e escândalos envolvendo a vida de astros e estrelas. Como o caso do processo contra o ator Errol Flynn, acusado de estuprar duas garotas.

A modernidade trouxe consigo (e Hollywood contribuiu muito para isso) a cultura do detalhe, da velocidade, da ação, da imagem e do frívolo.

Tudo era mais ou menos da forma que se passava com Chinita, uma autêntica urbanóide cinematográfica, personagem de Érico Veríssimo:

(...) Chinita vivia com o pensamento em Hollywood. Imaginava-se Greta Garbo, Joan Crawford, ou Constance Bennet. Imitava gestos e penteados. (Nos bailes do Recreio todos riam dela. Pura inveja!)²⁰

Muitos ainda não conseguiam acompanhar as novidades impostas pelo cinema. Por exemplo, D. Maria Luísa, mãe de Chinita, uma “coadjuvante” preocupada com a “estrela” :

_ Minha filha, não te acostumes mal, por que não vais tomar café lá embaixo com todos ?Chinita insiste. Quer porque quer. Pode ser feio, pode ser mau costume, mas é como ela tem visto no cinema. As criadas de manhã

²⁰ VERÍSSIMO, Érico. Caminhos Cruzados, p. 21



trazem o breakfast no quarto, as estrelas lêem revistas, dizem good morning. Tão bom, tão bom poder fazer o mesmo !²¹

Com um esforço relativamente pequeno (uma boa modista, um leve “maquillage”, um corte de cabelo, talvez) podia-se deixar de ser uma provinciana qualquer e passar a ser notada como uma individualidade, uma personalidade, alguém com quem valia a pena conversar e, quem sabe, casar. Quem garantia eram as individualidades-mor, aquelas para quem todos olhavam, a quem todos ouviam, nos filmes, nos jornais, nas revistas - **os astros e as estrelas de cinema.**

O cinema produzia cada vez mais “chinitas”, cada vez mais pessoas queriam ser bonitas e interessantes. O individual tornava-se série:

*(...) Nesse filme *Suplício de uma Saudade*, mas olhe, parecia um bloco. Porque todas as mulheres começaram a usar um tipo de roupa chinesa, com a golinha assim, do mesmo tipo chinês. Ficou a roupa da moda: (...) a manguinha quimono, a roupa soltinha no corpo, a golinha alta. Era a roupa exatamente que era usada. Para ver a influência do cinema (...) Me lembro muito nessa época... Eu também fiz um vestido assim!*²²

²¹ VERÍSSIMO, Érico. Op. cit. p. 124

²² Depoimento de Graziela Emerenciano (02/03/1994)



Hollywood inscrevia, nos corpos, os signos da modernização: mulheres usando calça comprida, dirigindo automóveis, fumando... Homens que se apaixonam, dançam e mandam flores.

Os estilos iam da princesa encantada (Grace Kelly) à loura sensual (Marilyn Monroe). Do rebelde carente (James Dean) ao machão solitário (Humphrey Bogart).

Em Campina Grande, pelo menos, as novidades eram incorporadas com voracidade. Ao usar um estilo comunicava-se a sintonia com o mundo, o gosto pelo cinema e suas estrelas:

*(...) Como Ingrid Bergman, que era uma artista belíssima. Fez o filme À Meia-Luz. Muitos filmes dela... Por Quem os Sinos Dobram, lindo o filme, muito bonito. Até nesse tempo ela cortou o cabelo (no Por Quem os Sinos Dobram) bem curtinho e chamava-se **ventania** e as mulheres começaram a usar esse cabelo também.²³*

Alguns temiam que essa modernice pudesse levar os jovens à perdição:

(...) Com efeito, o cinema com os seus ingredientes nitidamente modernos, desde o estrelismo, até a apologia de simples empregadas de posto de gasolina, tem levado multidões a aplaudirem suas piores

²³ Idem, idem. Grifo meu.



*realizações, filmes sem nenhum
predicado artístico, ou moral.*²⁴

O exemplo típico, ou melhor, arquetípico da potência de uma estrela recaiu sobre os ombros da garota Norma Jean Mortenson, nascida em Los Angeles em 1º de junho de 1926, e que veio a ser **Marilyn Monroe**. A atriz que mais suscitou discursos e imagens em cem anos de cinema. Quem nunca viu referências à estrela na moda, na publicidade, na pintura, na literatura, na música e, de forma recorrente, no próprio cinema ?

Dizem que quando Marilyn foi à Coréia fizeram larga distribuição de suas fotografias entre os soldados. Mas ao invés de seu nome, havia apenas a legenda: se você, camarada, não sabe quem é, já não pertence ao número dos vivos.²⁵

Ninguém queria morrer e o cinema produzia e reproduzia a vida. Por isso as pessoas iam ver os astros e as estrelas.

²⁴ LEAL, Wills. "Anotações sobre o Cinema" In: Diário da Borborema, 31/10/1957, Ano I, nº 26, p. 7

²⁵ Ver O Cruzeiro, 20/09/1954, Ano XXVII, nº 6, p. 101



Interregno

De agora em diante procedo a um pequeno deslocamento de estilo. A problematização que forma o objeto permanece: signos cinematográficos que vão constituindo a subjetividade (memória, valores, comportamentos, sentimentos).²⁶ Entretanto, tento uma nova maneira de abordagem, mais pessoal e microscópica, embora baseado nas mesmas fontes (primárias e secundárias).

Agora o discurso toma um outro modo de ser: menos acadêmico (ensaístico) e mais dramático (tragi-cômico), porém não menos **verdadeiro** no seu rigor formal e histórico.

É assim que, no segundo capítulo, utilizo personagens fictícios que vivem situações verdadeiras. Tento apresentar um modus mais personalizado de viver a cidade e a modernidade.

Os dois capítulos procedem da mesma pesquisa e procuram, complementando-se, justificá-la.

Filnalmente é preciso dizer que as verdades aqui enunciadas tem sempre um caráter provisório e contingente, e que podem ser reelaboradas indefinidamente à luz de novos testemunhos e metodologias. O objetivo não consiste em que o relato espelhe algum corpo preexistente de fatos, mas que haja uma harmonia entre as formas verbais e a lógica de um modo de discurso contemporâneo, sem origem e sem telos.

“Esta concepção da pesquisa e da representação históricas abriria a possibilidade de usar na história as luzes científicas e artísticas da nossa época sem desembocar num relativismo radical e na assimilação da história à propaganda, ou

²⁶ É necessário lembrar que a **subjetividade** não se confunde com o **indivíduo**, eu ou você (o indivíduo é uma concentração de subjetividade). Ela é construída social e historicamente, formando campos semânticos, lugares a ocupar, identidades, modus que vivenciamos em maior ou menor grau.



naquele monismo fatal que até agora sempre resultou das tentativas de ligar história e ciência. Ela permitiria pilhar a psicanálise, a cibernética, a teoria dos jogos e tudo o mais, sem obrigar o historiador a tratar as metáforas assim conquistadas como inerentes aos dados em consideração, tal como é obrigado a fazer quando trabalha sob a necessidade de buscar uma objetividade impossivelmente abrangente. E permitiria aos historiadores conceber a possibilidade de utilizar modos de representação impressionistas, expressionistas, surrealistas e (talvez) até acionistas a fim de dramatizar a significação dos dados que eles descobriam mas que, com muita freqüência, não lhes é permitido considerar seriamente como provas.”²⁷

²⁷ WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso, p. 60.



*Está triste, desiludido,
Sem esperança, sem fé ?
Vá buscar sua alegria
Lá no Cine São José.*

Félix Araújo, pai.



Capítulo Dois:

MODUS VIVENDI

I

No começo da década de 40, ~~chega a Campina Grande~~ ~~chega a~~ ~~Campina Grande~~ chega a Campina Grande, proveniente dos sertões paraibanos, Dona Efigênia Virgulino Pontes (Josephine Hull). Viúva rica, gorda, que tanto tinha de frente como de costas. Enfeitada: com muito ouro nos dedos, pulsos e pescoço. Cabelos, com uns poucos fios brancos, arrumados em coque. Rosto um tanto enrugado, olhos empapuçados, boca pequena, mas tudo disfarçado com muito pó-de-arroz, rouge e batom. Só os vestidos eram discretos: pretos, brancos com bolinhas pretas e pretos com bolinhas brancas. “Ainda não era hora das estampas”, pensava Dona Efigênia.

Instalou-se, com duas filhas e alguns criados, num casarão à rua João da Mata, comprado e mobiliado a seu gosto, alguns meses antes. Tinha pensado primeiro na Maciel Pinheiro, rua das famílias tradicionais; mas já havia muito comércio, bares, carros e gente transitando. “Aquilo vai virar um frege”, dizia Dona Efigênia que, além de dominadora era, às vezes, visionária: “média”, como declarava.

Seus atuais planos consistiam em mover céus e terras para ilustrar as filhas e arranjar-lhes um bom casamento. Ficando na fazenda, o máximo que podia acontecer era repetirem sua sina e de sua finada mãe: casar com coronéis rudes, que só sabiam



contar arrobas de algodão e cabeças de gado. Isso, ou se envolverem com capangas e capatazes.

Maria Eugênia, a filha mais velha, contava dezesseis anos quando chegou. Era uma bela moça, mas tinha a prepotência da mãe, era mimada e invejosa, da irmã e do resto da humanidade (Anne Baxter). Maria Eulália tinha quinze. Não se podia dizer que fosse bonita, no entanto, era meiga, bondosa e procurava suavizar os arroubos de poder da mãe e da irmã (Judy Garland).

Até mudarem para Campina, as moças de Dona Efigênia haviam estudado com professoras particulares: língua-pátria, aritmética, história, geografia e rudimentos do latim, com o padre Inocêncio. Agora, com pouco tempo de Colégio das Damas, achavam-se perfeitamente integradas ao sistema escolar e à vida social campinense. Nesses dias, um grande acontecimento as agitava: a estréia da superprodução, em cores, ...E o vento levou.

Toda a cidade comentava: “é um filme sobre a Guerra de Secessão”; “e que guerra é essa?” “sei lá, coisa dos americanos...”; “dizem que gastaram milhões de dólares para filmar (queimaram até uma cidade inteirinha!), você acredita nisso?” “não sei..., só sei que por aqui ninguém nunca viu um filme ‘a’ cores!”

II

Naquela sessão de cinema (o Capitólio lotado!) ocorreu o primeiro impedimento à concretização dos sonhos dourados de civilização de Dona Efigênia: Maria Eulália conhece e se apaixona por aquele que viria a ser seu futuro esposo, o pracinha Onofre da Silva Araújo (Montgomery Clift).



Nos tempos de guerra, por determinação do General Newton Cavalcanti, os soldados deveriam estar devidamente fardados e prontos para o combate, aonde quer que estivessem. Conforme às ordens, Onofre foi ao Capitólio naquela tarde, e chamou mais a atenção de Maria Eulália do que o galã do filme, Clark Gable. Após uma inesperada apresentação no saguão do cinema, Onofre convida Eulália a acompanhá-lo ao próximo filme em cartaz: um drama com o cantor mexicano José Mojica, de quem era um fã. Marcaram o encontro na sorveteria Flórida.

Maria Eulália Garland pensava em como driblar a vigilância da mãe... Enquanto isso, Maria Eugênia Baxter comia sua pipoca assentindo em não dizer palavra.

O namoro se prolongou por alguns meses sem o conhecimento de Dona Efigênia. Maria Eulália esperava o momento oportuno para revelar o seu amado e, ao mesmo tempo, sabia que não haveria este momento.

Gastou ainda muito dinheiro com álbuns, gibis, sorvetes e cinema, para manter calada a irmã, que se revelava uma perfeita chantagista.

Até que Eugênia Baxter começou a se sentir rebaixada, feia, enalhada e, certo dia, optou por uma cena de efeito: contou tudo para a mamãe...

III

Dentre as muitas amizades das irmãs Pontes, uma se tornou constante, apesar dos protestos de Dona Efigênia: "minhas filhas, essa moça não é do nosso nível; com aquele pai beberrão...; e a mãe?; costureira metida a inteligente, que



entender até de política, imaginem; além do mais, Karina, para mim, é nome de comunista!”

Entretanto, Karina (Jennifer Jones), com sua simpatia, cativou as mocinhas. Divertida e inteligente, ajudava-lhes com as lições de casa, apesar de ter apenas o diploma do Grupo Escolar. Ensinou-lhes a flertar, e como se desvencilhar dos conquistadores indesejados. Fazia-lhes também a manicure e penteados incríveis!

Dona Estercília, a mãe de Karina, foi modista afamada em Campina Grande nos anos 40 e 50. Vestia várias damas da sociedade a preços módicos e acabamento refinado.

Ganhou sua primeira máquina de costura quando tinha quinze anos, presenteada por um padrinho seu, rico comerciante da rua João Pessoa. Desde então nunca mais parou de trabalhar. Sua habilidade em criar figurinos originais era, no entanto, sufocada pelas clientes, que preferiam copiar da FON-FON ou que “Ester” fosse ver determinado filme e gravasse o vestido da artista. “Ester-mãos-de-fada...” Dona Efigênia, mulher esperta, não podia deixar de ser sua cliente.

Karina e as Pontes tornaram-se amicíssimas. Dona Efigênia também se considerava amiga de Ester mas, obviamente, “cada um em seu lugar”, dizia às filhas.

Eugênia entendia a mensagem, mas não ia esnobar Karina. Até aqui só tinha visto vantagens em ser amiga dela.

Certo dia chega Karina Jones: “meninas, preparem-se!; estréia hoje ‘Santa, minha santa’, a história de uma moça que se perdeu e foi parar num cabaré!; e nós vamos!”

As irmãs ficaram eufóricas, mas logo desfaleceram...

“Mamãe não vai deixar nunca e, mesmo que agente consiga com ela, ainda resta Tubarão, o porteiro.” E Karina: “don’t worry, babies!; para sua mãe, nós iremos à casa das Agra, das Mota, das Amorim ou qualquer coleguinha da ‘jeunesse dorée’, coisa que ela mais que aprova; e Tubarão, bem, com Tubarão nos vamos precisar da ajuda do garoto Mariola...”

Os planos de Karina eram inquestionáveis, ela era formidável. Quem mais em Campina Grande, além de seu pai,



conseguiu ver, pessoalmente, Pier Angeli, Tony Curtis e Janet Leigh?

IV

Luís Mariola (Mickey Rooney) era um moleque de cinema. Não perdia um seriado. Compareceu a quase todas as sessões daqueles que foram os mais famosos nas telas campinenses nos 40 e 50: Os Perigos de Paulina, Buck Jones, Zorro, Aranha Mortal, Guerra dos Gângsters, Bandidos do Mar, Cavaleiro Vermelho, Segredo dos Túmulos.

Mariola, ele próprio, era aventura-pessoa: matava as aulas do Colégio Diocesano para fazer bagunça nas matinées e, aos domingos, era o primeiro a chegar para a troca de gibis e figurinhas que tinha lugar em frente ao cinema Capitólio, antes de começar a matinal.

Dentre os muitos problemas que Seu Getúlio Cavalcanti enfrentava para administrar o Capitólio, "Mariola" era considerado, por ele, o pior. Seus gritos e assovios nas sessões, seus chicletes, os tiros com saquinhos de pipoca, isso sem falar nas arruaças que armava na porta do cinema, por querer furar a fila ou tentar entrar em algum filme impróprio para menores.

Só que, desta feita, quem queria ver um filme censurado eram três mocinhas de família e Mariola iria ajudá-las. Por um bom sorvete na Flórida e algumas figurinhas, é claro.

E assim foi: enquanto Mariola gritava impropérios contra Tubarão, três jovens bem vestidas, de salto alto e maquiadas, passavam despercebidas do porteiro colérico. Entravam no cinema para ver Santa, minha santa, filme mexicano que, afinal, as decepcionou.



V

Dona Efigênia Hull desce a escadaria do solar aos prantos:

- Que castigo, meu Deus! ~~Agente~~ criar uma filha com tanto mimo, dando do bom e do melhor, pra depois ver envolvida com um soldado raso! Maria Euláaaaalia... Ah, minha Virgem Santíssima, mãe é bicho pra sofrer... Maria Euláaaaalia.

Maria Eugênia Baxter, a delatora, saía sorrateira para o seu quarto esperando não ser chamada a depor. Maria Eulália Garland, vinda do jardim, entra em casa espantada:

- O que foi mamãe? O que foi?

- Você ainda pergunta, sua cínica! Como é que você me dá um desgosto desses, Maria Eulália? O que é que você estava pensando? Que eu não ia descobrir nunca ou que esse sapo ia virar príncipe? Ai, meu Deus!... Onofre da Silva. Da Silva, Maria Eulália. Pra começar, Silva é nome de quem não tem família.

- Pois para mim ele é um príncipe!

- Cale-se se não eu lavo sua boca com sabão! O que foi que eu fiz para merecer uma coisa dessas, minha Santa Efigênia?! Eu só quero saber de uma coisa: você se perdeu com esse Zé-ninguém, Maria Eulália? Não me esconda mais nada!

- Não, mas quero me perder.

- Isto é maneira de falar com sua mãe, sua atrevida! Taí no que dá ~~agente~~ querer ser moderna, dar liberdade... Não saem de dentro desses cinemas. Agora, estudar que é bom, bordar, cozinhar, vocês não querem...

- Acalme-se pelo amor de Deus, mamãe.



- Calma, você me pede calma? Você vai ver. Eu vou processar esse arrivista! Mandar prender! Ai, meu Jesus! O que já não devem ter falado de mim... E você, sua traidora! Tanto que eu sonhei com um bom casamento... Um moça da sociedade, letrado: um advogado, um médico... E agora? Quem é que vai querer uma moça falada?...

- Mas eu não fiz nada...

- Chega! Amanhã mesmo você parte pra fazenda. Vai ficar lá uns tempos, enquanto eu decido o que fazer. E nem mais uma palavra, entendeu?!

VI

O pai de Karina, Seu Raul (Ray Milland) parecia só gostar de três coisas na vida: da própria filha, de cinema e da bebida.

O alcoolismo, naquela época, era considerado (ainda é?) uma espécie de degenerescência moral e, por mais verdades que Raul Milland conseguisse dizer, sóbrio ou embriagado, era sempre considerado um pobre-diabo. O fato de ser croupier do Casino Eldorado favorecia a progressão de seu vício.

Seu Raul ia a todos os cinemas e freqüentemente. Chegou a ver mais de duzentos filmes em um ano. A Suplício de uma Saudade, por exemplo, assistiu mais de 10 vezes.

Comprava várias entradas de uma só vez, para evitar as filas e chegava sempre cedo, a fim de apreciar as Características, que eram as músicas tocadas antes de começarem as sessões. O Cine Babilônia, inclusive, recebia discos de duas famosas lojas da cidade - Cajueiro e Odeon - e fazia-lhes a publicidade.



E lá estava ele: às vezes acompanhado de Karina, outras vezes só, a escutar *Adiós, Pampa Mia*, cantada pelas Irmãs Meireles, característica do Babilônia. Outro dia, no Cine Avenida, onde *Saudades do Norte*, com Augusto Calheiros e *Agulha no Palheiro*, com Doris Monteiro eram as mais executadas; e no Cine São José, que escolheu como Característica a música *Sempre em meu Coração*, cantada por Carlos Galhardo e que foi tema de seu primeiro filme, de mesmo nome, exibido em 11 de novembro de 1945. Algum tempo depois, esta música seria superada, no mesmo cinema, pelo sucesso *Pretenda*, com o mesmo cantor.

Em duas ocasiões, a paixão latente entre Raul e Karina emergiu com mais força: os dois, fãs de cinema que eram, viajaram juntos ao Recife para ver Pier Angeli, estrelíssima da Metro e, de outra vez, Tony Curtis e Janet Leigh, da Warner, que desfilaram em carro aberto pela cidade. Momentos felizes esses compartilhados entre pai e filha...

VII

Do exílio, Maria Eulália Garland escreve à amiga:

Fazenda Jatobá, agosto de 1945.



Querida amiga Karina,

Nunca pensei que fosse viver uma situação tão cinematográfica e, já que é assim, eu vou lutar por um final feliz. A única coisa que importa é que o amor vença e eu não vou desistir do meu. Mamãe tem que entender que posição social não é tudo. Ela não quer ser moderna? Pois bem. Esse negócio de sangue fica para o tempo do 'ronconcon'.

Eu e Onofre temos nos correspondido sempre e estamos dispostos a enfrentar tudo, mas você sabe que eu preferia ter a bênção de mamãe. Por enquanto, esperemos que as coisas esfriem, com fé em Deus! Mesmo porque, Onofre quer ser promovido a sargento antes de tomar qualquer atitude, o que não vai tardar.

Como tenho saudades das nossas tardes movimentadas!: os cinemas, a sorveteria, o frenesi das moças na casa da família Agra... Tão diferente daqui.

Nossa diversão é escutar o folheto do Pavão Misterioso e estórias de assombração. Ainda bem que tem as cachoeiras, o passeio a cavalo e o bolo de milho de Nazaré, coisas que eu adoro. Mas sinto-me tão só... Por que não vem passar uns dias comigo?

Seus pais, como estão? Lembranças a eles. E Eugênia? Tem conversado com ela? Saiba que eu já a perdoei. Tudo que estou passando tinha que acontecer, de uma maneira ou de outra. Não é responsabilidade dela e sim minha própria.

Escreva-me depressa contando as novidades, senão eu viro matuta.

Da sua amiga de sempre,

Maria Eulália Pontes.



VIII

Alguns anos depois, no final da década de 50, velhos amigos reencontram-se no hall do Cine Babilônia. Maria Eulália comenta com seu marido, o capitão Onofre:

- Olha quem está ali, se não é Karina! E aquele rapaz que está com ela, quem será? Venha, vamos falar com eles.

Do outro lado está Karina. De braços com um namorado que parecia ter saído de Juventude Transviada, filme que deixou uma legião de fãs vestidos a James Dean: calça justa, camiseta e jaqueta. Ela, de saia rodada, blusa colante com manguinhas curtas e lençinho no pescoço, ainda parecia a juvenzinha de anos atrás. Arrasta o namorado pelo braço e corre ao encontro de Eulália.

- Euláaalia! Não acredito! Você está esperando de novo?! Mas que bela mãe-de-família! Vocês não brincam, não é Onofre?! Cadê os outros?

- Ficaram na casa de mamãe. Pelo menos, quanto a isso, ela não implica comigo: adora os netos. Já está tão velha, coitada. Marlon e James têm mais juízo do que ela.

- Por falar em juízo... Eugênia, como vai ?

- Na mesma: crises nervosas/internação/recuperação e, depois de um ano, tudo de novo. Mas agora está em casa. Ficou com Silvia, que praticamente é quem toma conta dela. Ainda bem que existem os amigos!

- É, os amigos...

- E vocês, quando é que casam ?



- Ah minha filha (tapa os ouvidos do namorado), no dia-de-são-nunca! No momento eu estou na onda do rock'n roll: Elvis Presley, Bill Halley, motocicletas... Entendeu ?

- A mesma Karina...

- Mas eu vivo mudando... Venham, a sessão vai começar.

Entram e desaparecem na sala escura.

Fim



Fachada do Cine-Theatro Apollo



Fachada do "Cine-Fox"



A G U A R D E M !
JEANETTE Mc. DONALD e NELSON EDDY
os reis da canção, novamente apaixonados, no drama
romântico como a lua e emocionante como uma
abordagem de piratas !

C A P I T O L I O



Sabado

25

ESTRÉA

Não é somente uma premiere... é o maior acontecimento do ano!

...E O VENTO LEVOU

3 horas e 45 minutos de projeção! Em tecnicolor

Preços para a estréa

ADULTOS — 5\$500 — ESTUDANTES — 4\$400

Somente depois de um ano será apresentado noutra Cinema, e assim mesmo, a preços alterados.

HOJE! 22 - 10 - 1941 -- HOJE!

A «Paramount» apresenta uma ótima comedia

Fred Mac Murray

Madeleine Carroll

Solteira por Capricho

COM

Allan JONES

Akim TAMIROFF

Complementos: Nacional D.F.B. e Noticias do Dia 24 x 12

Preços: 1\$000 e 1\$600

Sabado 25 no CAPITOLIO

Uma menina-moça de 15 anos, uma sedutora
mulher apaixonada e um romance musical,
destinado a provocar as mais
profundas emoções!

Será finalmente no próximo Sabado, a estréia do filme-milagre de 1943, em torno do qual reina intensa ansiedade dos "fans", desejosos de conhecer a maior realização cinematográfica de 1943 e a nova "estrela" da cintilante constelação Warner Bros.

Como já é do conhecimento do público, "SEMPRE EM MEU CORAÇÃO" permaneceu durante 20 semanas consecutivas no cartaz do Cine Capitólio, do Rio de Janeiro, tendo sido exibido nas primeiras semanas, simultaneamente com o São Luiz, Carloca e Odeon, o que jamais aconteceu com outro filme qualquer. O público, sem distinção de classe nem idade, consagrou o filme como o espetáculo mais do seu agrado, a história mais deliciosa que já foi contada à tela. O mundo inteiro já assovia e cantarola a sua deliciosa canção. Os críticos, por sua vez, travam batalhas de opiniões, procurando revelar o segredo do êxito de "SEMPRE EM MEU CORAÇÃO". As colunas, antes reservadas aos artigos políticos, às crônicas literárias, também foram invadidas... Escritores ilustres que escreviam somente sobre problemas nacionais, o panorama internacional, finanças, comércio, etc... molharam suas famosas penas e as enxugaram em longas tiras de papel, enaltecendo o filme.



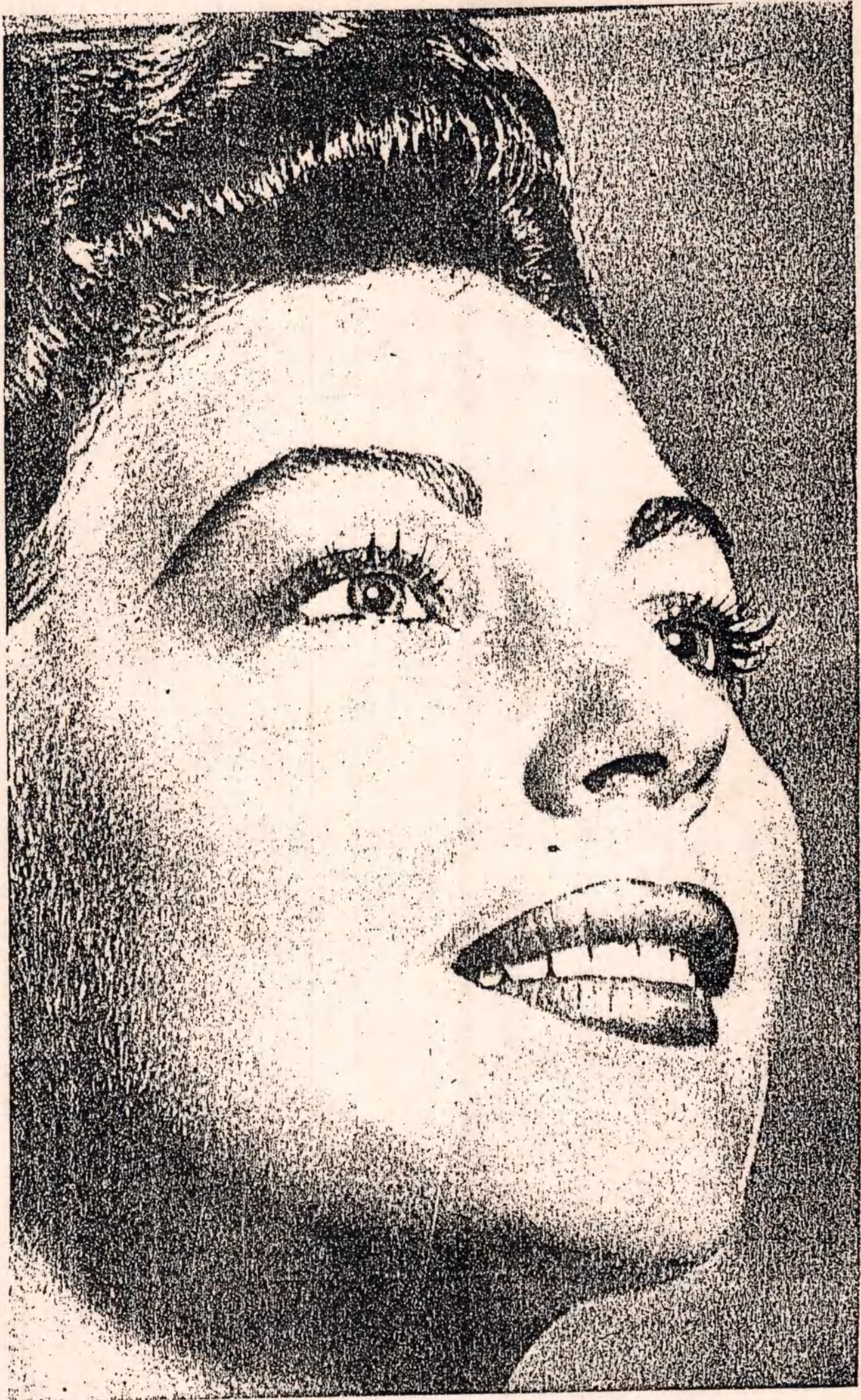
GLORIA WARREN

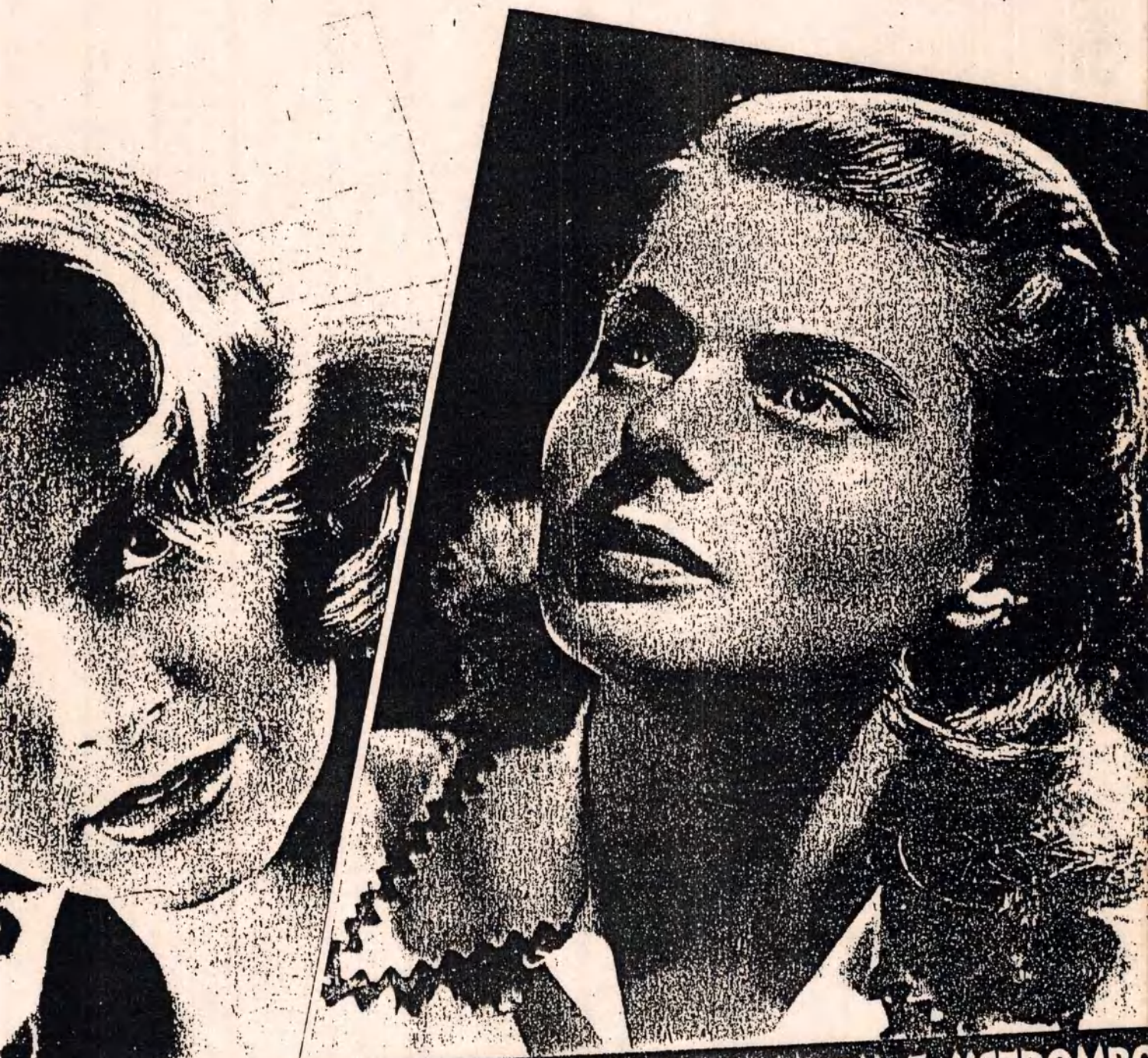
— EM —

SEMPRE EM MEU CORAÇÃO

com Walter HUSTON — Kay FRANCIS


O filme milagre da WARNER





QUE TAL A SEMELHANÇA ENTRE "MOGAMBO" E "STROMBO"

GRACE KELLY (à esq.) & INGRID BERGMAN



*“Bem, senhores,
qualquer coisa que eu seja,
o nome do filme é Os
Homens Preferem
as Loiras.
E eu sou a loira”*

MARILYN MONROE

Contratada pela Fox, ela ganhava 75 dólares semanais para servir drinks e cigarros nas festinhas de Darryl F. Zanuck, o chefe do estúdio. "Eles estão fazendo todos esses filmes de sexo só para vender mais manteiga de amendoim". Marilyn explicou assim a avalanche de sexy-stars que proliferavam em Hollywood.



*"Este é o
último pau que
eu chupo"*

Após assinar seu primeiro
grande contrato



© 1954



Sultão após sultão esta cidade
Passou e hora após hora a vida, que há-de
Durar nela enquanto ela aqui durar,
Nem ao sultão ou a nós deu a verdade.
Fernando Pessoa



Conclusão

As variadas fontes (locais e hollywoodianas) de que falei na introdução, nem sempre se conectavam (E não é esta mesma a dificuldade do historiador : não poder esgotar as possibilidades de sua narrativa, pois está preso a documentos ?!). Daí, talvez, a pequenez do projeto (E tanta coisa que fica de fora porque não se conecta...).

A partir da minha própria experiência e da formação que obtive como aluno de História, tentei abrir ao máximo as conexões deste texto e provocar novos discursos. Principalmente o da própria disciplina histórica.

O que seria uma forma contemporânea de se fazer História?

Penso que seria bom se a História parasse de girar em torno da busca do “documento sagrado” e interferisse mais nas questões do nosso tempo. Que não apenas consolidasse o que já sabe, mas se auto-devorasse e se misturasse a outros saberes: à filosofia, à ciência, à arte, à psicologia, à informática...

Mutatis mutandis!



Lista de Anexos

Capítulo Um: Modus Operandi - Parte V

- 1 e 2. Artistas de Hollywood anunciam objetos de decoração. Anuario das Senhoras, 1941.
3. Ellen Drew, estrela da Paramount, vende maquiagem. Anuario das Senhoras, 1941.
- 4, 5, 6 e 7. Estrelas sugerem vestidos, perfumes, chapéus, jóias e penteados. Anuario das Senhoras, 1941.
8. Rita Hayworth, da RKO, mercanteia tecidos. O Cruzeiro, 20/11/1954, Ano XXVII, nº 61, p. 62
- 9, 10 e 11. Estrelas dão a receita para um casamento feliz. O Cruzeiro, 28/08/1954, Ano XXVI, nº 47, p. 57; 25/09/1954, Ano XXVI, nº 50, p. 7 e 27/11/1954, Ano XXVII, nº 7 p. 53.

Final:

1. Fachada do Cine-Theatro Apollo na Rua Maciel Pinheiro (atual prédio da VASP). Anuario de Campina Grande, 1926.
2. Fachada do Cine Fox na Rua Maciel Pinheiro (entre a Câmara de Vereadores e Armazéns Esplanada). Anuario de Campina Grande, 1926.
3. Jeanette McDonald e Nelson Eddy, famosa dupla dos anos 30.



4. Capitólio convida a um acontecimento do cinema: ... E o Vento Levou. Arquivo Particular do Sr. Clóvis Faustino dos Santos.
5. Sempre em Meu Coração. Este foi também o primeiro filme exibido no Cine São José em 11 de novembro de 1945. Arquivo Particular do Sr. Clóvis Faustino dos Santos.
6. Ava Gardner ou "o mais belo animal do mundo". O Cruzeiro, 21/10/1954, Ano XXVI, nº 51, p. 76.
7. Duas beldades do cinema. O Cruzeiro, 4/12/1954, Ano XXVII, nº 8, p. 49.
- 8 e 9. Marilyn Monroe: estrela de primeira grandeza. Set, Ago/1992, Ano VI, nº 8 p. 36/41.

Fontes

1. Filmografia básica:

1939

- ... E o vento levou (Gone with the wind)
Dir.: Victor Fleming. Com: Clark Gable/Vivien Leigh
- O Mágico de Oz (The wizard of Oz)
Dir.: Victor Fleming. Com: Judy Garland
- Ninotchka (Idem)
Dir.: Ernst Lubitsch. Com: Greta Garbo/Melvin Douglas



1940

- Núpcias de Escândalo (The Philadelphia Story)
Dir.: George Cukor. Com: Katharine Hepburn/Cary Grant
- Serenata Tropical (Down Argentine Way)
Dir.: Irving Cummings. Com: Don Ameche/Betty Grable/Carmem Miranda
- Rebeca, a Mulher Inesquecível (Rebecca)
Dir.: Alfred Hitchcock. Com : Joan Fontaine/Laurence Olivier

1941

- O Médico e o Monstro (Dr. Jeckill and Mr. Hyde)
Dir.: Victor Fleming. Com:Spencer Tracy/Ingrid Bergman/Lana Turner
- Cidadão Kane (Citizen Kane)
Dir.: Orson Welles. Com: Orson Welles/Joseph Cotten
- Relíquia Macabra (The Maltese Falcon)
Dir.: John Huston. Com: Humphrey Bogart/Mary Astor

1942

- Casablanca (Idem)
Dir.: Michael Curtiz. Com: Ingrid Bergman/Humphrey Bogart
- Rosa da Esperança (Mrs. Miniver)
Dir.: William Wyler. Com: Greer Garson/Walter Pidgeon

1943

- A Canção de Bernadete (The Song of Bernadete)
Dir.: Henry King. Com: Jennifer Jones/Charles Bickford
- Por Quem os Sinos Dobram (For Whom the Bell Tolls)



Dir.: Sam Wood. Com: Ingrid Bergman/Gary Cooper

1944

- Modelos (Cover Girl)
Dir.: Charles Vidor. Com: Rita Hayworth/Gene Kelly
- Este Mundo é um Hospício (Arsenic and Old Lace)
Dir.: Frank Capra. Com: Cary Grant/Priscilla Lane/Josephine Hull
- À Meia-Luz (Gaslight)
Dir.: George Cukor. Com: Ingrid Bergman/Charles Boyer
- O Bom Pastor (Going my Way)
Dir.: Leo McCarey. Com Bing Crosby

1945

- Farrapo Humano (The Lost Weekend)
Dir.: Billy Wilder. Com: Ray Milland/Jane Wyman
- Amar foi minha Ruína (Leave Her to Heaven)
Dir.: John M. Stahl. Com: Gene Tierney/Cornel Wilde
- Alma em Suplício (Mildred Pierce)
Dir.: Michael Curtiz. Com: Joan Crawford
- Quando Fala o Coração (Spellbound)
Dir.: Alfred Hitchcock. Com: Ingrid Bergman/Gregory Peck

1946

- Gilda (Idem)
Dir.: Charles Vidor. Com: Rita Hayworth/Glenn Ford
- A Felicidade não se Compra (It's a Wonderful Life)
Dir.: Frank Capra. Com: James Stewart/Donna Reed
- Quando as Nuvens Passam (Till the Clouds Roll)
Dir.: Richard Whorf. Com: Robert Walker/Judy Garland



- O Fio da Navalha (The Razor's Edge)
Dir.: Edmund Goulding. Com: Anne Baxter/Tyrone Power/Gene Tierney

1947

- A Luz é para Todos (Gentleman's Agreement)
Dir.: Elia Kazan. Com: Gregory Peck/Dorothy McGuire/Celeste Holm
- Ambiciosa (The Farmer's Daughter)
Dir.: H. C. Potter . Com: Loretta Young/Joseph Cotten

1948

- O Tesouro de Sierra Madre (The Treasure of Sierra Madre)
Dir.: John Huston. Com: Humphrey Bogart/Walter Huston/Tim Holt
- O Pirata (The Pirate)
Dir.: Vicent Minnelli. Com: Judy Garland/Gene Kelly
- Festim Diabólico (Rope)
Dir.: Alfred Hitchcock. Com: James Stewart/John Dall/Farley Granger
- O Retrato de Jennie (Portrait of Jennie)
Dir.: William Dieterle. Com: Jennifer Jones /Joseph Cotten

1949

- Sansão e Dalila (Samson and Delilah)
Dir.: Cecil B. De Mille. Com: Victor Mature/Hedy Lammar
- Um Dia em Nova York (On the Town)
Dir.: Gene Kelly/Stanley Donen. Com: Gene Kelly/Vera Ellen/Frank Sinatra
- A Grande Ilusão (All the King's Men)



Dir.: Robert Rossen. Com: Broderick Crawford/Mercedes McCambridge/John Derek

1950

- A malvada (All about Eve)
Dir.: Joseph L. Mankiewicz. Com: Bette Davis / Anne Baxter / George Sanders
- Crepúsculo dos Deuses (Sunset Boulevard)
Dir.: Billy Wilder. Com: Glória Swanson/William Holden
- Nascida Ontem (Born Yesterday)
Dir.: George Cukor. Com: Judy Holliday/William Holden

1951

- Uma Rua Chamada Pecado (A Streetcar Named Desire)
Dir.: Elia Kazan. Com: Marlon Brando/Vivien Leigh
- Um Lugar ao Sol (A Place in the Sun)
Dir.: George Stevens. Com: Elisabeth Taylor/Montgomery Clift
- Quo Vadis? (Idem)
Dir.: Mervin Leroy. Com: Robert Taylor/Deborah Kerr

1952

- O Maior Espetáculo da Terra (The Greatest Show on Earth)
Dir.: Cecil B. De Mille. Com: Betty Hutton/Cornel Wilde/Charlton Heston/Dorothy Lamour
- Cantando na Chuva (Singin' in the Rain)
Dir.: Gene Kelly/Stanley Donen. Com: Gene Kelly/Debbie Reynolds
- A Tortura do Silêncio (I Confess)
Dir.: Alfred Hitchcock. Com: Montgomery Clift



1953

- A um Passo da Eternidade (From Here to Eternity)
Dir.: Fred Zinnemann. Com: Burt Lancaster/Deborah Kerr/
Montgomery Clift
- O Manto Sagrado (The Robe)
Dir.: Henry Koster Com: Richard Burton/Jean Simmons
- A Princesa e o Plebeu (Roman Holiday)
Dir.: William Wyler. Com: Audrey Hepburn/Gregory Peck
- Inferno Nº 17 (Stalag 17)
Dir.: Billy Wilder. Com: William Holden
- Os Brutos Também Amam (Shane)
Dir.: George Stevens. Com: Alan Ladd/Jean Arthur

1954

- Sindicato de Ladrões (On the Waterfront)
Dir.: Elia Kazan. Com: Marlon Brando/Eva Marie Saint
- Amar é Sofrer (The Country Girl)
Dir.: George Seaton. Com: Grace Kelly/Bing Crosby/William
Holden
- A Condessa Descalça (The Barefoot Contessa)
Dir.: Joseph L. Mankiewicz. Com: Ava Gardner/Humphrey Bogart
- Janela Indiscreta (Rear Window)
Dir.: Alfred Hitchcock. Com: Grace Kelly/James Stewart

1955

- Suplício de uma Saudade (Love is a Many Splendored Thing)
Dir.: Henry King. Com: Jennifer Jones/William Holden
- Juventude Transviada (Rebel Without a Cause)



Dir.: Nicholas Ray. Com: James Dean/Natalie Wood/Sal Mineo

- Ladrão de Casaca (To Catch a Thief)

Dir.: Alfred Hitchcock. Com: Grace Kelly/Cary Grant

- O Pecado Mora ao Lado (Seven Year Itch)

Dir.: Billy Wilder. Com: Marilyn Monroe/Tom Ewell

1956

- Nunca fui Santa (Bus Stop)

Dir.: Joshua Logan. Com: Marilyn Monroe/Don Murray

- Assim Caminha a Humanidade (Giant)

Dir.: George Stevens. Com: Elisabeth Taylor/Montgomery Clift/Rock Hudson

- Os Dez Mandamentos (The Ten Commandments)

Dir.: Cecil B. De Mille. Com: Charlton Heston/Anne Baxter/Yul Brynner

- Anastácia, a Princesa Esquecida (Anastasia)

Dir.: Anatole Litvak . Com: Ingrid Bergman/Yul Brynner

- Alta Sociedade (High Society)

Dir.: Charles Walters. Com: Bing Crosby/Gene Kelly

1957

- Testemunha de Acusação (Witness for the Prosecution)

Dir.: Billy Wilder. Com: Tyrone Power/Marlene Dietrich

- Sayonara (Idem)

Dir.: Joshua Logan. Com : Marlon Brando/Miyoshi Umeki/Red Buttons

- A Caldeira do Diabo (Peyton Place)

Dir.: Mark Robson. Com: Lana Turner/Diane Varsi

1958



- Gigi (Idem)
Dir.: Vincent Minnelli Com: Leslie Caron/Louis Jourdan
- Quero Viver ! (I Want to Live!)
Dir.: Robert Wise. Com: Susan Hayward
- Vikings, os Conquistadores (The Vikings)
Dir.: Richard Fleischer. Com: Kirk Douglas/Tony Curtis/Janet Leigh

1959

- Ben-Hur (Idem)
Dir.: William Wyler. Com: Charlton Heston
- Quanto Mais Quente Melhor (Some Like It Hot)
Dir.: Billy Wilder. Com: Marilyn Monroe/Jack Lemmon/Tony Curtis
- Confidências à Meia-Noite (Pillow Talk)
Dir.: Michael Gordon. Com: Rock Hudson/Doris Day

2. Jornais:

A Voz da Borborema (1937/40)
A Voz do Dia (1945)
Diário da Borborema (1957/58)
Formação (1949/53)



Jornal de Campina (1952/54)
O Momento (1950)
O Rebate (1943/57)

3. Revistas:

O Cruzeiro, Rio de Janeiro. (1952/54/55)
Set, São Paulo (1987/94) Seção Mitos.

4. Anuários:

Anuario das Senhoras (1941)
Anuario de Campina Grande (1926)
Anuário de Campina Grande (1982)

5. Memórias:

BRITO, Dulce Damasceno de. *Hollywood Nua e Crua - Parte II*.
São Paulo: Editora Best Seller/Círculo do Livro, 1992.
DIÁRIO de Filmes de José Apolinário Guimarães Barreto.



DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. 2 vols. João Pessoa: A União Editora, 1993.

5.1 Entrevistas:

Eneida Agra Maracajá	(03.03.1994)
Graziela Emerenciano	(02.03.1994)
José Apolinário G. Barreto	(12.02.1994)
Lívio Wanderley	(13.02.1994)
Luís Teixeira	(11.02.1994)
Luiz da Costa Barroso	(06.04.1994)
Maria José dos Santos	(17.03.1994)

6. Literatura:

VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos Cruzados*. 28ª ed., Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1986.

7. Bibliografia geral:

ALBAGLI, Fernando. *Tudo sobre o Oscar. De 1927 a 1987*. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América/Cinemin, 1988.



- BERNADET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.
- CASTRO, Ruy. *Saudades do Século 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COELHO, Marcelo. *A Rosa Púrpura do Cairo*. In: LABAKI, Amir (Org.) *O Cinema dos Anos 80*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FILHO, Rubens Ewald. *Dicionário de Cineastas*, 2ª ed., Porto Alegre: L&PM, 1988.
- FRIEDRICH, Otto. *A Cidade das Redes: Hollywood nos anos 40*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 9ª ed., Org. e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres (Introdução)*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. *História e Descontinuidade*. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (Org.) *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 1993.
- VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. *Um Pensamento Infame: história e liberdade em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- VERAS, Cassandra C. de Lima. *O Espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1934-1945)*. Monografia do Curso de História, UFPB, Campus II, Campina Grande, 1988. (mimeo.)
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios de crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.